

Clemente Luz, o cronista da construção de Brasília



Clemente Luz: o registro da história de Brasília

"Só bem mais tarde, e com grande desgosto, no ginásio é que vai a saber duas coisas fundamentais de minha vida: o lugar de nascimento e o meu nome verdadeiro e completo. Até então, para todos os efeitos, nascera em Itajubá e meu nome era um apelido de família, curto e fanho: — Nem."

Assim se expressa, na "orelha" do seu livro *Minividas*, o poeta, o escritor de literatura infantil, o radialista, o ex-jornaleiro, o jornalista, o repórter, o pioneiro Clemente Ribeiro da Luz. O Quelé, para os amigos. E não é preciso muito para chamá-lo pelo apelido. Basta apenas "puxar um papo", "molhando o bico" e a amizade está feita. Muito humano, amigo das crianças, atento ao cotidiano e aos pequenos detalhes — como registra em muitas de suas crônicas — Clemente é o que se poderia chamar de uma Luz para Brasília. Com seu espírito arguto, já registrou, em dois livros, toda a história de Brasília, desde que aqui chegou em 1968, "tomando o primeiro banho de poeira, banho que se alternou, durante anos, com os banhos de água mesmo..."

Clemente Luz hoje tem certeza de ter nascido numa fazenda chamada Quilombo, nas encostas da Serra da Mantiqueira, no lado mineiro, Distrito de Bicos do Meio, Município de Delfim Moreira, atualmente a cidade de Venceslau Braz. Já está com 54 anos, 16 dos quais em Brasília, e tentou inúmeras incursões pela "senda da glória literária", caminho que lhe surgiu à frente após o acidente, ainda em criança, que levou-lhe três dedos da mão esquerda. Por isso, não foi levado à lavoura, o que fatalmente aconteceria dadas as condições dos pais. "Mas a perda dos dedos criou o drama de educar o menino para não ter que pegar no cabo da enxada ou no trabalho pesado. Daí por diante, todos os crifícios, todos os apelos foram feitos em nome dos meus dedos perdidos..."

Assim, em decorrência do acidente e "da natural e congênita aversão que trago do berço a toda a sorte de trabalho braçal ou manual", Clemente Luz enveredou desde cedo para a leitura e para o estudo "que eram o meio mais fácil de fugir a tarefas pesadas, como as de buscar burro no pasto, tratar de porcos, tirar leite, eventualmente, servir de candeeiro de carro de bois".

Daí para a frente foi sempre lutando para, cada vez mais, penetrar nos mistérios da literatura. Estudou em Belo Horizonte, morou em tantos outros lugares, sempre com a idéia fixa de que "a literatura era a única válvula para romper na vida". E foi nessa luta que, em 1958, o Quelé, aquele tempo ainda Clemente, chegou a Brasília, que viu nascer, crescer e emergir do cerrado do Planalto Central. E com o seu poder de observação foi registrando tudo o que via e sentia na capital dos sonhos — da qual não pretende sair — mantendo uma crônica diária na Rádio Nacional durante longos anos, crônicas estas que foram reunidas em dois volumes — *Invenção da Cidade* e *Minividas* — embora tenha ainda "estoque para mais uns três ou quatro livros".

Sobre a sua vida de repórter de rádio, Clemente diz, "Fazíamos noticiário de rádio à base de informações que colhíamos junto aos canteiros de obras e no aeroporto. Um velho jipe importado, quase sempre enguiçado, nos levava através das nuvens de poeira, à caça das notícias. Quase sempre, como cavalo ensinado de bêbado, o jipe se desviava para a Cidade Livre... O aeroporto antigo, situado no ponto definitivo onde hoje encontramos o aeroporto internacional, era o "ponto-de-encontro", era a pracinha do interior ou a farmácia do bate papo diário. Engenheiros, diretores de firmas, funcionários qualificados da NOVACAP, comerciantes da Cidade Livre iam todas as manhãs aguardar os aviões da Real ou da VASP, que não traziam apenas passageiros, novos elementos para as obras da cidade ou apenas curiosos em busca de novidades. Traziam jornais, poucos exemplares, já manuseados pelos passageiros, e que eram disputados, como prêmios, pelos pioneiros. Foi aí que a idéia, que me acompanhara desde o Rio, tomou forma de realidade: ficar rico, vendendo jornais em Brasília.

Consegui, rapidamente, repastos de alguns jornais do Rio, de São Paulo e de Belo Horizonte, mas esbarrei com a dificuldade de mão-de-obra. Resultado: tive de me transformar em jornaleiro e, como tal, apregoei as folhas no aeroporto, nas ruas da Cidade Livre e no Plano Piloto. Levou tempo para treinar alguns meninos na venda dos jornais.

O aeroporto era, para nós da imprensa, a principal fonte de notícias. Ali fazíamos as principais entrevistas. Com um entusiasmo superior às minhas forças, deixava no balcão de uma das companhias de aviação o monte de jornais que estava vendendo, empunhava o lápis e o papel e ia fazer a entrevista.

É evidente que não fiquei rico vendendo jornais. Pelo contrário: tive e dei um prejuízo razoável aos meus fornecedores de jornais. É que, entre novembro e dezembro de 1959, uma chuva de 45 dias solapou toda a já claudicante organização distribuidora que eu tentara montar. Com chuva e vento, não era possível a venda de jornais, feita por meio de bicicletas nos acampamentos. A minha "fortuna", entrevista nas folhas de papel impressas dos jornais, derreteu-se sob a chuva de fim de ano, em 1959.

Hoje, depois de tantos anos Clemente Luz ainda batalha, através da literatura, numa luta que já deixou de ser apenas o ideal inconsequente de rapazinho, para ser o desabafo intelectual de um homem que já viveu, sofreu e passou por toda a sorte de azares. Um homem conhecido na Capital Federal, mas não tanto quanto no começo, pois o "gigante de concreto que Brasília se tornou traga e engole as individualidades". É de opinião que Brasília, na atualidade, deixa os visitantes e novos moradores chocados com a falta de humanismo, de contato com as pessoas, as visitas familiares tão comuns em sua terra natal. Aqui, deixamos de ser o fulano ou ciclano, para ser o chefe disto ou daquilo. E não sabemos ao menos os nomes dos nossos vizinhos de apartamento. Isto ele não disse, mas deixou patente em suas crônicas diárias na Rádio Nacional. A solidão, a falta de diálogo, a vaidade humana, os desencontros e desencantos, o simplório (como é o caso do pasteleiro que "salvou" a escada rolante da rodoviária apenas porque deixou de colocar azeitona nos pastéis). Tudo isso Clemente viu e sentiu.

Mas, mesmo morando em uma capital que se caracteriza pelos gigantes de concreto, Clemente Luz não nega a sua procedência do meio rural e o seu apego à terra: "As vésperas de disputar o direito à aposentadoria, preparo um retorno à terra, como os guerreiros romanos. Há dois anos gasto praticamente tudo o que ganho na Rádio Nacional e na Agência Nacional, em um sítio arrendado por trinta anos, no Núcleo Rural do Rio Preto. Costumo dizer que estou preparando a casa para as vascas, com a plantação de pastos que levo avante. Mas, na realidade, preparo mesmo é o ninho para a minha velhice..."